a partir daqui

76

373

MAIS QUERO UM ASNO QUE ME CARREGUE ,

QUE CAVALO QUE ME DERRUBE.

CARLOS ALBERTO SOFFREDINI

FIGURAS

INÊS

A MÃE DE INÊS, DONA CLARA

DONA LEONOR VAZ D'ALMEIDA, A MADRINHA DO RELIGIOSO

AS FESTEIRAS

LUZIA, UMA AMIGUINHA ANIMADA

CARMEM, A OUTRA

PEDRO, O SEGUNDO MARIDO

JOÃO BRASILIO, O PRIMEIRO MARIDO

JOHN EMRASS, O MAIOR CANTOR DA JUVENTUDE

UM ESTIQUER

TRÊS CORISTAS

ABERTURA

(Começa como um show, o conjunto já está preparado, pode ser pintado ou uma fotografia ampliada, Entra John Bhrazz. Muito aplauso, Gritos de "lindo!", John agradece, manda a assistência se acalmar e ajeita o microfone. Entram Inês, Luzia e algumas outras garotas pelos fundos, trazendo cadeiras para se sentar no corredor do teatro. começa a música)

John - Pronto, aqui estou eu
Pra dizer mais uma vez
Que eu amo todos vocês

Pronto, aqui estou eu
Pra implorar a todos vocês
Que me amem talvez

Pronto, aqui estou eu
Não me pergunte por que
Eu vou dizer a você:
Eu sou o jovem que venceu
Eu sou o jovem que venceu...

(continua a música)

Mãe - (do fundo do teatro)- Inês, Inês, ó Inês
Inês - (distraida)- Que é mãe...
Mãe - Com'é, não vai me ajudar? Ora, vê se tu se avia, Qu'é pra tu ir aprendendo enquanto me dá uma mão, tu já tá mais é crescendo daqui a pouco é casar. E, depois, se não aprende fica que nem umas e outras que pra casar andam loucas mas nem sabe cozinhar.
Inês - (distraida)- Já vai.

John - Sim,
Você me ama também
Porque você precisa de alguém
Alguém assim como eu

Sim,
Você me ama e isso é bom
Porque eu sou todo sonho
Eu sou só amor e ilusão

Não,
Não me pergunte por que
Você me ama assim
É porque você vê em mim
Tudo o que você QUER ser
Vencer
Vencer...

(continua a música)

Mãe - (do fundo do teatro)- Inês, tu varreu a casa? Já pregou lá na camisa do teu pai o tal botão? Ora, mas vê se te apressa, desse jeito não vai não,só pensa em televisão. Daqui a pouco tu me casa e ' pra mal dos meus pecados com uma preguiça dessas não dá conta do recado.

Inês - Já vai, mãe...

John - Sim,
Você me ama e isso é bom
Porque eu sou todo sonho
Eu sou só amor e ilusão

Não,
Não me pergunte por que
Você me ama assim
É porque você vê em mim
Tudo o que você quer ser
Vencer
Vencer

Mãe - (do fundo do teatro)- Inês, como é menina?

Inês - (irritada)- Que é, manhã?

Mãe - Vai ficar o dia todo só nessa televisão? Desse jeito quem te vê vai pensar que tu não tem mais é nada pra fazer. Tu pensa que homem gosta de mulher assim exposta? Gosta só pra se esbaldar, mas na hora de casar eles vão é procurar aquelas que fi-cam casa aprendendo a trabalhar.

Inês - (cheia)- Ih, mãe vê se me esquece...

(todos sobem e vão fazer o coro para o final da música)

John - Vocês me amam,
Muito obrigado a vocês
Vocês me adoram,
Eu vivo só pra vocês
Eu sou um gênio
E vocês gostam de mim
Por isso vamos
Cantar mais uma vez

(microfone na mão, para a assistência)

Côro - Nós também te amamos
John - Muito obrigado a vocês
Côro - Nós te adoramos
John - Eu vivo só pra vocês
Côro - Você é um gênio
John - Se vocês gostam de mim
Eu estou tão orgulhoso
Pois continuem assim
Porque eu sou mesmo
MA-RA-VI-LHO-SO.
Côro - Sim, sim, sim, sim ...
Joni, Joni, Joni, Joni, Joni, Joni, Joni...

(aplausos, gritos. TODOS envolvem John e assim vão)

NA IDADE

(A mãe finge que vem da Igreja e por isso entra pelo fundo do teatro. E quando entra diz:)

Mãe - Ah, muito bonito, nê? Eu saio e a senhora se põe aí na televisão o dia todo. Até parece que não tem mais o que fazer.

Inês - Ih, mãe, a senhora também...

Mãe - Ih mãe? O que,é isso mesmo, eu preciso me virar em vinte, por que se eu não estou ali, em cima, ninguém mexe uma palha. Só quero ver no dia que eu morrer como é que vocês vão se arrumar. Só quero ver. Aposto como ' ainda nem pôs a sopa no fogo. Já passa das sete, e tu nem te liga, nê? É só na televisão; sopa mesmo que é bom...

Inês - A senhora já foi ver lá na cozinha pra falar?

Mãe - E precisa? Então eu não sei como vocês são? Tudo espera pra eu fazer. Tudo eu. Tudo eu.

Inês - Ó, mãe, a senhora também gosta de falar, heim? A sopa' já tá lá no fogo e já tá quase pronta.

Mãe - Então. Se eu não estou ali, firme, aqui nessa casa ninguém come, ninguém veste, ninguém dorme... A madame aí só quer saber de televisão, nê? É televisão desde que ' acorda até que vai dormir, nê? Então. E o serviço a escrava aqui que faça.

Inês - Ah, é, olha só a outra. A senhora se manda a tarde inteirinha e no fim ainda vem aí dando bronca.

Mãe - Ora, menina, deixa disso. Tu sabe muito bem que eu precisava ir na igreja com a dona Arminda, no casamento ' do filho do patrão dela.

Inês - Ah, é, então. E no sábado passado quem é que foi?

Mãe - No sábado passado foi a moça da casa onde a filha da ' dona Carmen trabalha.

Inês - Pois é, e no sábado que vem é não sei mais quem,nê?

Mãe - Mas... Mas olha só que menina! E tu ainda tem coragem de falar assim comigo? (Para a assistência)- A senhora viu só? A senhora viu como é que são as coisas? Pois é isso. A gente se rala no tanque e no fogão a semana inteirinha e quando acaba, só porque a gente vai ver uns casamentos no sábado é isso. Viu só? Ainda reclama Então. Depois ainda diz que filho reconhece. Reconhece o que, minha filha, a gente se mata e quando acaba ainda não presta. É por isso que se diz que "filhos? é melhor não te-los!" Ah, mas deixa estar. A senhora pensa que eu vou me incomodar mais? Eu não, minha filha. Pensa que vou deixar de ir na minha igreja, ver meus casamentos? Pois sim. Não senhora, estou lá tudo quanto é sábado, rente que nem pão quente. É a única distração que eu tenho. Então. E se os casamentos é às três eu chega mais cedo, que é pra não perder nenhum mesmo. Que nem hoje: ah, minha filha, dez pras três eu já tava lá, no primeiro banco, não quero nem saber. Então. E vi todinhos, não perdi nenhum. E a senhora precisava ver as noivas, cada uma... E os vestidos então. aí, cada uma mais bonito que o outro. Só bordado, viu? Só bordado de pedraria é o que está se usando mais. E tudo sáia rentinha no chão, nada de cauda. Tinha um então... que a senhora precisava estar lá pra ver. Lindo, lindo, lindo. Era simples, viu? Era com a sáia rente como se está usando e todo bordado, né? De uma fazenda assim brilhante e meia pesada, não sei, acho que era cetim, mas se via que era daquele do bom. Mas o bordado era todo em miçangas cor de rosa, daquela bem miudinha, aqui no decote rentinho, né? Depois daqui saía uma costura que ía até o chão, parece... ou até a cintura, não sei bem, não reparei, mas eu sei que as mangas eram justinhas aqui em cima e depois iam alargando, né? Mas uma graça, viu? Uma graça... Não te tinha cauda, e o véu é que fazia a cauda, bem comprido. E olha, vou dizer uma coisa pra senhora, até que ela estava muito simples, viu? Mas um doce, precisa ver, um doce. Eu só fiquei me lembrando da minha filha Inês.

Inês - De mim?

MÃE - Então, de ti, ora essa é boa. Por quê? Tu bem que já tá ficando na idade, minha filha, e mais dia menos dia' tem casamento aqui em casa...

(Ouvem chamar fora e esperam)

A FESTANÇA

(Vem as festeiras, que trazem sempre suas tigelas onde fingem es - tar batendo bolo. São três e é muito igual tudo o que dizem e como se movimentam.)

Festeiras - Dá licença, dona clara, dá licença.

Mãe - Quem me chama? Ah, entra dona Rosa. Pode entrar, do na Cândida, tem cachorro mas é manso-(ri).

Festeiras - Nós ouvimos aqui falar
em festa de casamento
E se mandamos pra cá.
Está arrumada a cozinha
Pra janta não falta nada
Então nós pensamos assim:
Vamos dar uma mãozinha
Na festa, não custa nada.

Inês - Mas já?

Festeiras - Pois já, então, ora essa
Que essas coisas demora
Não é deixar pra fazer
Tudo de última hora
Como foi no casamento
Da filha do seu Barreto
Que nós fomos ajudar:
Lá deixaram pra fazer
Tudo na última hora
Ficaram tão descansados
Que no final nem a gente
Demos conta do recado

Mãe - Ah, mas a senhora não precisava ter se incomodado.

Festeira I - Qu'é isso dona Clara, incômodo é doença.

Festeira II - Se a gente que é vizinho não ajuda, quem é que vai ajudar?

Festeira III - Vizinho é pra essas coisas.

Festeiras - (para a assistência)- A senhora também não acha? (as festeiras cantam).

Festeiras - (para a assistência)
Qu'incomodar qual o quê
Incômodo é doença
Nas festa de casamento
Isso a gente não dispensa.
Docinhos e salgadinhos
Deixa aqui por nossa conta
Arrume os ingredientes
Arrume - duas tigelas
Um tabuleiro pro bolo
Que a gente mesmo enfeita
E o resto a gente ajeita.

Mãe - (no intervalo do canto)- Ingredientes, o tabuleiro, duas tigelas, que mais?

Festeiras - (para a mãe)
E o resto a gente ajeita
Vá cuidar da sua vida
A gente não se molesta
(para a assistência)
A mãe que cuide da noiva
Que nós cuidamos da festa.

Mãe -- Já vendo, Inês? Eu não te disse que tu já tava crescidinha? Que já tava mesmo na hora? O que é que eu te disse?

Inês - I. está vendo...

Festeiras - (para a mãe)
Nós agora, olí, ouvimos
O qu'a senhora dizia
Namorado n'atrapalha
Qualquer um a gente arruma
Num cá aquela palha
Leva a moça numas festas,
Nuns cinemas. Imagine!
Aquilo qu'é pra vender
A gente põe na vitrine.

Mãe - (rápida ofendida)- Ai, que é isso, dona coisa. Ai assim também não, 'pera um pouco, que negócio é esse de vitrine?

Também assim, quem ouve a senhora falar vai pensar o 'quê? Vai pensar que a gente tá louca pra ver a menina' pela porta a fora, né? Não, que é isso? A gente quer a felicidade dela, natural, mas ninguém aqui está com' pressa que ela se case, isso não.

Festiras - (para a mãe)- A senhora tem razão
Tem mesmo, que nesses casos
Muita pressa é que não presta.
(para a assistência)
Mas como eu ia dizendo
A noiva que arranje o noivo
Que nós cuidamos da festa.
(e vão bater seus bolos)

PRIMEIROS ENTREQUADROS

(Vem Luzia visitar Inês e finge-se muito afobada. e diz:)

Luzia - Inês. Inês, Inês, tu já sabe da novidade? Eu passei ' ali na banca do jornal do seu Gastão quando vinha pra cá e olha o que eu comprei.

Inês - Mas o que é isso?

Luzia - É o retrato do John Bráz, garota.

Inês - Que retrato? Mas cadê o John Bráz? Isso daqui é um sapato...

Luzia - Então, menina, na semana que vem sai o outro sapato , na outra sai a perna, na outra a coxa, e assim... É em fascículos.

Inês - Ah!...

Luzia - Já imaginou! No fim a gente vai ter o John Bráz em tamanho natural, não é bárbaro?

Inês - Se é...

Luzia - Eu vou colar ele do lado da minha cama, já pensou? Daí ele dorme comigo todas as noites.

Inês - Ai, Luzia, credo.

Luzia - Credo o quê? Credo o quê? É isso mesmo. Vai me dizer ' que tu também não gama esse cara? Mas também, minha filha, não é pra menos, viu? Que ele é mesmo bárbaro.

Inês - É...

Luzia - (imitando)- É. É. Olha só a outra. Até parece. Não precisa ficar se amarrando aí não, pode dizer. Depois,não é só tu que acha mesmo, todo mundo acha, tu quer ver ' só? (para a assistência)- O John é bárbaro ou não é ? É o maior ou não é?(ri)- Pode falar.(ainda para a assistência)- Eu acho gozado essas coisas: tá todo mundo caindo pelo cara, todo mundo dorme com o retrato dele' debaixo do travesseiro, pensa que eu não sei? E na hora aqui fica todo mundo aí(imita)ha-ha-ha-É mesmo, vai' me dizer que não é? Eu heim! Eu não. Eu gamo o cara e falo mesmo, que me importa. O dia mais feliz da minha' vida vai ser quando eu puder chegar perto dele e falar com ele e tudo. Agora mesmo eu mandei um monte de

carta pr'um programa aí. Entrevista seu Cartaz. Mandei ' quase com cartas vê só e é bom capaz de cu ser sorteada, (compra para a assistência)- Tu vai ver só. Aí então, menina. Aí sim é que vai ser legal...

(E fica toda sonhadora)

(Entra o Cartaz. É o John Bhrazz. É o desenho dele, ou fotografia ampliada. Só que a boca e os olhos do Cartaz se movimentam.)

Luzia - (gritinho)

Cartaz - (ri)

Luzia - Oi, seu John.

Cartaz - (ri)

Luzia - É que eu vim entrevistar o senhor.

Cartaz - Ah, já tá na hora dessa entrevista?

Luzia - Puxa! Já tá mais que na hora.

Cartaz - (ri)

Luzia - Eu tô incomodando o senhor? O senhor tem alguma coisa pra fazer? Que se não eu volto depois...

Cartaz - Senta aí, garota.

Luzia - Não, pode deixar, seu John, eu fico mesmo de pé.

Cartaz - Tu é que sabe, garota, mas depois não vai ficar dizendo que eu nem te mandei sentar, heim.

Luzia - Quem? Eu! Ai, seu John, o senhor acha que eu era capaz de dizer uma coisa dessas do senhor?

Cartaz - (ri)

Luzia - Deus me livre.

Cartaz - Não, é que depois fica aí falando que a gente é cartaz que é mascarado, que é sem educação, que é pé de chinelo e outros bilhos.

Luzia - Eu não...

Cartaz - É, mas tem uns e outros aí que gostam de dizer que a gente é pé de chinelo, viste? Gosta sim, viste? E logo pé de chinelo, vê só...

Luzia - Eu não, credo. Eu vou dizer mais é que estive aqui e que vi o senhor, né seu John? E que falei com o senhor e tudo.

Cartaz - E tuas amigas vão ficar loucas de inveja, né?

Luzia - O, se vão...

Cartaz -(ri)

Luzia - Vão ficar babando.

Cartaz - (ri)

Luzia - Ai, seu John, porque o maior sonho da minha vida era falar com o senhor.

Cartaz - Tu pode também dizer que a minha casa é baceninha.

Luzia - Claro! Claro que eu vou dizer!

Cartaz - (ri)

Luzia - Porque o maior sonho da minha vida era ver o lugar que o senhor mora, viu seu John?

Cartaz - Porque agora eu estou construindo uma casa aí no Morumbi, com piscina e tudo, garota, com piscina e tudo, moro só.

Luzia - Puxa!

Cartaz - A piscina eu mandei vim da França; as cortinas vem da Dinamarca e os aparelhos... aqueles troços da privada, eu mandei vim da Inglaterra.

Luzia - Puxa!

Cartaz - (ri)

Luzia - Ai, seu John.

Cartaz - Agora, o que me apurrinha mesmo nisso é que não tá dando pra mudar o meu nome.

Luzia - Ah, seu John, o senhor vai mudar de nome? Mas o seu é bárbaro.

Cartaz - (ri)

Luzia - (que pena) Ah...

Cartaz - Não, é que, sabe como é garota? É que como meu pai também se chama John Brás, eu me chamo Brás Junior.

Luzia - John Brás Junior!

Cartaz (ri)

Luzia - Ai, seu John, o maior sonho da minha vida era ter filho pra botar o nome dele de John Brás Junior.

Cartaz - Pois é garota, pois é. Acontece é que esse negócio de Junior é muito vérzea, tá me entendendo? É muito vérzea pra quem vai de casa com piscina no Morumbi e mordomo, sabe como é?

Luzia - Ah! Seu John.

Cartaz - Tu tinha é que me chamar John Brás Segundo, morô?

Luzia - John Brás Segundo!?

Cartaz - É, John Brás Segundo, John Brás Segundo, sabe como é? É que não tá dando pra mudar não, que os caras só tão botando areia. Este país é uma vérzea mesmo.

Luzia - Ai, seu John...

Cartaz - É por isso que o artista tem que ir pra Europa. Tem que ir mesmo, pô, se quer vencer. Lá sim é que tem nobreza, não é essa frescura toda. Pô, lá qualquer artista pode se chamar John Brás Segundo, tá me entendo?

Luzia - É sim.

Cartaz - Pois é.

Luzia - (com lágrimas nos olhos)- Ai, seu John...

Cartaz - (ri)

Luzia - (com lágrimas nos olhos)- Eu vou me lembrar sempre, sempre, sempre desse dia que eu conversei com o senhor e vi o senhor e tudo.

Cartaz - (ri)

Luzia - (com lágrimas nos olhos)- Ai, seu John, foi o dia mais feliz da minha vida.

Cartaz - (ri)

Luzia - (com lágrimas nos olhos)- Eu nunca mais vou me esquecer dele.

Cartaz - (ri)- Tchau, garota. (vai se afastando).

Luzia - (com lágrimas nos olhos)- Olha, seu John, seu John, seu John. Será que eu podia pedir mais uma coisa pro os senhor?

Cartaz - (ri)

Luzia - (com lágrima nos olhos)- Será que eu podia dar um beijo no senhor? Não é por mal não, heim, não é por mal. É que eu queria guardar uma recordação pra sempre, sempre sempre...

Cartaz - (ri)

(Luzia dá um beijo no Cartaz e cai em prantos. O Cartaz ri e sai, e assim termina o quadro).

SEGUNDO ENTREQUADROS

(Vem as Festeiras batendo bolo e dizem para a assistência:)

Festeiras - A s'ora vê como é?
Nós aqui fazendo a festa
E a outra nem se molesta
Fica aí de batepapo
Em vez de arranjar um noivo.
Eu não quero nem saber
O nosso trabalho aqui
Já tá quase todo pronto.

(Vem a Mãe e diz para a assistência:)

Mãe - Ah, minha filha, a minha obrigação também já está feita: o enxoval já está quase pronto, o dinheiro do vestido já está separado... e olhe lá. Agora ela que se vire porque daqui pra diante, o resto não depende mais de mim. Eu já fiz o que era da minha obrigação, a senhora sabe, obrigação da gente, que tem filha, é ver essas coisas, porque depois, sabe como é, se a moça não leva o suficiente ficam aí:"É, viu a filha de fulana? A mãe deixou ela ir pra casa do marido quase nua." E comigo não; ah, não. A gente pode ser pobre, mas essas coisas eu gosto muito direitinho, tudo alí, no duro. E, olha, até que ela não está levando um enxoval muito mixo, não; sei de muita moça rica que não levou nem a metade, minha filha. E vou dizer uma coisa pra senhora, não foi sem sacrifício não, viu? Porque olha que pra fazer um enxoval desses hoje em dia, minha filha... Bom, ela vai levando meia dúzia de lençois de linho bordado da Ilha da Madeira, e a outra meia dúzia de cretone, mas não é porcaria não; não senhora, que eu não ia comprar porcaria pra ela, pra depois o marido ficar aí falando... Deus me livre... e não que a gente seja rico, mas sabe como é, pra essas coisas a gente sempre faz um pouco de sacrifício. O que eu sei é que são de um cretone muito bonzinho, e todos eles barradinhos, uma graçinha, a senhora precisava ver...

Ah, olha, a senhora não quer ver? Tá lá dentro, na mala. Depois eu vou buscar e mostro pra senhora. Então. Pois é isso. Mas eu comprei também uns jogos de mesa, alguns também bordados da Ilha da Madeira; umas toalhas grandes pra festa ou qualquer coisa assim e outros mais simples, pro uso diário, né? Agora mais PRO fim comprei uns jogos de banho da dona Maria da prestação... Ah, sim, porque a senhora sabe, esse negócio da gente comprar tudo a dinheiro, minha filha, já foi o tempo; hoje em dia quem é que compra a prestação? Então. Eu dei uma boa entrada e agora vou pagando por mês. Agora o que está faltando mesmo são os vestidos, os sapatos e as bolsas e as luvas combinando, e assim, mas isso a gente compra mais pro fim, porque sabe como é, essas coisas sai de moda e a moda hoje em dia muda tanto que nem sei... e a gente é pobre, minha filha, não pode ficar aí comprando cada dia uma coisa né? Então, mas o que eu sei é que minha obrigação já está feita, agora o resto é com ela.

(Vem Inês e diz para a assistência:)

Inês - A senhora vê como é que são as coisas? Tá todo mundo apavorado pra sair casamento, até parece que se eu não casar vou morrer...

Luzia - Mas olha, Inês, não é por nada não, mas eu também acho que tu tá fazendo um pouco o corpo mole. Olha, minha filha, quanto antes melhor; depois, tu sabe como é a idade vai passando e já fica mais difícil, né? E não vai me dizer que tu vai querer ficar aí pra titia. O negócio é que tu precisa sair um pouco mais, ir numas festas, nuns cinemas. Namorado até que não é difícil de arrumar, mas tu fica aí, metida dentro de casa né? Não vai querer também que o cara venha bater na tua porta...

Inês - Sim, minha filha, namorado até que não tá tão difícil de arrumar, mas tu pensa que eu me passo pra qualquer um? Minha filha, eu não. Pra casar com qualquer um eu prefiro ficar solteira mesmo. Ah, comigo é assim: ou é o que eu quero ou não é nenhum.

A RECEITA

(As Festeiras vêm com suas tigelas e dançam e cantam, fazendo côro para Inês, que virando pra assistência canta:)

Inês - E também tem uma coisa
Os senhores tão de prova
Ou eu caso c'o qu'eu quero
Ou prefiro ir pra cova
Do jeitinho que nasci

Luzia - Qu'é isso menina, homem
Tá sobrando por aí

Festeiras - Vamos ver o qu'é que a gente
Vai fazer de salgadinho
Vamos ver como é que é
A receita do bolinho

Inês - Home' pra mim tem que ser
Bem alto e bem bonito

Luzia - Ora, homem desse tipo
Tá sobrando por aí

Festeiras - Dois tomates bem vermelhos
Um ovo, mas se quiser...

Inês - Tem que ter "aquela" classe
E tem que saber tocar
Pode ou não ter um bigode
Melhor se souber cantar

Luzia - Ora, ora, minha filha,
Isso é facil d'encontrar

Festeiras - Dois tomates tem que ter
Mas farinha, leite ou água
Coloque lá se quiser...

Inês - Tem que saber conversar
Conversas inteligentes
Tem que arrebatar a gente

Luzia - Isso é fácil d'encontrar

Festeiras - Dois quilos de camarão
Mas tem que por um pepino

Inês - Não precisa ser menino
Mas moço ele tem que ser
E nem precisa ser rico
Pode não ter um tostão

Luzia - É fácil, é só querer

Feteiras - Donde vem a conclusão:
Que só precisa ser posto
Dois tomates, um pepino
Pimenta-do-reino a gosto

Inês - E, então, como eu dizia,
É esse noivo que eu quero
Ou caso com um assim
Ou eu fico pra titia.

Feteiras - É assim como eu dizia
Que só precisa ser posto
Dois tomates, um pepino,
Pimenta-do-reino a gosto.

MADRINHA DO RELIGIOSO

(Vem Leonor Vaz D'Almeida, que finge-se esbaforida. Mas vem toda elegante na sua seda drapeada e com casquete. Traz um embrulho grande)

Leonor - (para fora)- Que um bom raio que te parta
Um gajo assim sem vergonha
Nunca vi na minha vida.
(para a Mãe)-Ah, mas isto não fico assim
Não me fazem outra assim

Mãe - Mas que é? dona Leonor?
Que cara mais enfezada!

Leonor - Ora pois, pois é um horror
Uma mulher já não pode
Na rua andar sossegada
Ah, mas não fica isto assim
Não me fazem outra a mim

Mãe - Mas o qu'é que lhe fizeram
Pra'star assim tão corada?

Leonor - E então não vê a senhora
Que no vizinho me mora
Um gajo, o Luizinho
Filho da dona Hemeguarda,
Não se lembra quem é ela?

Mãe - Sei sim, sei sim, vá falando

Leonor - Ora pois, pois vá escutando:
Pois o tal do Luizinho
Que não é mais qu'um franguinho
Sabendo ser eu viúva
Põe-se o dia na janela
'Steja sol ou 'steja chuva
Sab'a senhora por que raio?
A'ver s' algum dia nua
Para a janela eu lhe saio

Mãe - Não diga, dona Leonor?

Leonor - Pois, não é mesmo um horror?
Ah, não fica isto assim
Não me fazem outra a mim
E olhe que não é só:
Quando às vezes na janela
Eu ssio a bater o pó
Sab'o que me faz o gajo?
Põe-se lá só de calção
Outras vezes só d'Adão.

Mãe - Quem havia de pensar!

Leonor - Diz qu'a mim quer provocar
E lá se põe de tanga
A mostrar-me o peito largo
A coxa muito carnuda
A barriga já peluda
Ai Jesus...

Mãe - ...Deus nos acuda

Leonor - Ah, não fica isto assim
Não me fazem outra a mim
Como se tal não bastasse
Agora, quando cá vim
Vinha el'atrac de mim
A elogiar-m'es partes
A me dizer qu'eu sou uva
Ora, onde já se viu?
Já não pod'uma viúva
Andar sòzinha na rua...
Ah, não fica isto assim
Não me fazem outra a mim

Mãe - Mas que coisa, não? dona Leonor .

Leonor - Ora pois, não é? Ah, mas el'me paga, aquel', aquel'vagabundo. El'é que não conhece quem é Leonor Vaz D'Almeida, se não el'não ficava aí a m'dizer aí essas coisas, ah, se não ficava...

Mãe - Pois é pra senhora ver.

Leonor - Porque não me fica isto assim não,heim! Ah, se não fica...O qu'e qu'stá el'pensando.

Mãe - Pois é .

Leonor - (vendo a assistência)- Ai Jesus. E como está isto aqui hoje! O dono, e a senhora não m'apresenta aí de visi - tas?

Mãe - Ai, minha Nossa Senhora, não é que até me esqueci!Tam bém a senhora chega aí toda esvaporida, que a gente fica até meia tonta. (para a assistência)- Olha, est a aqui é a dona Leonor, viúva do seu Almeida quitandeiro.

Leonor - (para a assistência)- Leonor Vaz D'Almeida, uma criada.

Mãe - É ela que vai ser a madrinha da Inês. Do religioso .Ah sim, porque desque a Inês era assim pequenininha, que eu conheci a dona Leonor, que eu sempre disse: "quando a Inês casar, se Deus quiser, a dona Leonor é que vai ser a madrinha do religioso, isso não tem por onde,não é dona Leonor? Sim, porque esse negócio de madrinha é o que eu sempre digo: "a gente tem que convidar gente que gosta da gente", não é verdade?

Leonor - Ora pois, qu'isto é verdade mesmo. (para a assistência) É. Eu cá é que sou a madrinha aí da menina Inês. Convidaram-me, não é? Qu'é qu'se vai fazer... e como se diz, essas coisas uma p'ssoa não deve de recusar, qu'não é bom recusar. Mas cá por mim, qu'não me ouça aí a dona Clara, eu é qu'não fazia questão nenhuma.Mas ... E então. E o presente já está aí comprado. É uma bateria de cozinha. Sim, porque se agente tem qu' dar um presente, qu'seja logo um presente útil, que eu cá não vou sair aí a gastar dinheiro a toa nessas porcarias de vasinhos e cinzorinhos e bib'los, e mimos qu'pr'outra coisa não servem que pra ficar em cima dos móveis e nada mais. Mas o presente está aí comprado, e olha qu'até qu'não me saiu barato não,heim não me saiu nem um pouco barato. Mas sabe como é, o que uma p'ssoa espera de madrinha, é que dê aí uma coisinha melhorzinha, e olha, pra franqueza, também se assim não fosse não m'teriam convidado, mas e senhora, sabe como é: a gente até que quando veio cá ao Brasil era pobre, e naquela época não tinha uma p'ssoa a convidar a gente pra madrinha não. Mas depois, juntando

um bocadinho d'aqui, apertando um bocadinho d'ali que verdade seja dita, o meu falecido marido era um p'ssoa muito "encunômica" , depois nós fomos lá fazendo nosso acervinho o nosso pezinho de meia, como se diz. E agora até qu' o Almeida ao morrer m' deixou aí numa situação bem razoável. Não qu'dê pra d'sperdiçar em bib'los... E então. Bem, mas a gente fica aí no papo, no papo e quase que m'esqueço ' do qu'vim fazer aqui. (para a mãe)- Não vê a senhora, dona Clara, qu'tem lá um gajo, o Pedro da dona Maria mais o seu P'reira, uns patrícios que tem lá aquela panificadora grande da esquina, sabe quem é?...Ora pois, pois o Pedro chegou-s' a mim num desses dias e m' disse: "É, dona Leonor , qu' eu 'stou mesmo na idade de casamento, e a Inesinha da dona Clara me p'rece a mim uma rapariga d' bons modos." E eu lh' disse qu' era isto muito certo, qu'a Inesinha eu conheço desd' qu' ainda andava de gatas, e qu' era uma rapariga de muitas prendas e filha d'gente muito boa, e qu' pelo qu' eu sabia já pra o casamento estava tudo preparado... Enfim, pra qu' fique outra a conversa, está aí fora o gajo, e cá veio pra conhecer a m'nina Inês.

(É quando todos ficam muito nervosos)

TERCEIRO ENTREQUADROS

(Vem as Mulheres rodear Inês e lhe dizer:)

Luzia - (excitada)- Aí, Inês do céu, que legal...

Festeiras - (batendo bolo mais depressa)- Se a noiva já achou o noivo
Não tá faltando mais nada

Leonor - (para fora)- Ó Pedro.

Mãe - (feliz)- Ó Inês, vai dar um jeito nesse cabelo, vai se arrumar um pouco, se não o que é que o rapaz vai dizer?

Inês - Credo, mãe, até parece.

Mãe - Credo o que? Credo o que, menina? Então tu não sabe que homem não gosta de mulher assim... toda malajambrada?

Inês - E quem é que está querendo que ele goste, ora essa é boa. E a senhora não vem não, heim? A senhora não me vem agora com as suas manias que eu antes quero ver bem como é esse tal de Pedro.

Mãe - (para a assistência)- A senhora está vendo como são as coisas? É assim, a gente não pode falar nada que vem logo com duas pedras na mão...

Leonor - (para fora)- Pedro, Pedroooo

Luzia - Tu quer que eu vá buscar o pente? Porque é que tu não passa um pouco de lápis preto nos olhos?

Inês - Eu não.

Luzia - O qu'é que tem? Olha, fica bacana, menina! E está se usando que nem sei. Tu não quer que eu te empreste o meu lápis? Tu passa bem de levinho, assim só prá dar uma sombra.

Festeiras - (rápido)- Para quem quiser casar
Aqui tem o melhor conselho;
Antes de ir namorar
Dê uma olhada no espelho
Não é por exibimento
Dê uma olhada no espelho

- Sem fazer isso mania
Dê uma olhada no espelho
Sem ficar por muito tempo
Dê uma olhada no espelho

Para o moço impressionar
Aqui tem 'o melhor conselho:
Antes de ir namorar
Dê uma olhada no espelho.

Leonor - (para fora)- Pedro, entre cá, ó rapaz.

(E as mulheres se afastam, compreensíveis)

NOIVADO SERIO

(Vinga-se que Pedro é um cobrador-de-ônibus. Ele vem e diz:)

Pedro - Mais à frente, faz favor.
Inês - Com' é?
Pedro - Não, sabe como é? É que eu sou o Pedro, o filho da dona Maria portuguêsa do seu Ferreira alí da esquina, da padaria da esquina.
Inês - (sainda)- Olha, Pedro, nada de cerimônias, heim? Pode' ir ficando aí à vontade. Sabe como é, é casa de pobre, mas... Eu vou fazer um cafezinho e já volto já.
Inês - Eu sou a Inês de dona Clara.
Pedro - É, que até eu passo sempre por aí e te vejo circulando pela tua linha, quer dizer, aqui pela tua casa, e até' que eu disse lá pra velha: Olha, velho, a Inês de dona Clara até que é uma mina que faz ponto final comigo, a gente até que pode acertas os pinos. Daí que até a mãe disse que não, que tu é que sabe: os teus irmão já tão atacando de passageiro, quer dizer, já tão tudo ali na maciota, e agora só te falta tu, que tu bem que já tá na idade de ir acertando a fêrra.
Inês - É, eu estava vendo se encontrava alguém que fosse alto e assim... um pouco bonito...
Pedro - Mais à frente, faz favor.
Inês - E que soubesse assim... contar. Não precisava ser um John Erís, é claro...
Pedro - Não tem mais trocado?
Inês - Pois é.
Pedro - Dá-lhe, dá-lhe, minha filha, dá-lhe que a gente tá com atraso no horário.
Inês - Pois é isso.
Pedro - Mais à frente, faz favor.
Inês - Do que é que tu trabalha?
Pedro - Sou cobrador aí da linha Brasilândia-Lapa.
Inês... - Ah...
Pedro - Não, que até que é um emprego muito bom, viu?
Inês - Sei.

Pedro - ... que a gente só trabalha até meia noite e depois, é na maior mamata.

Inês - Ah!

Pedro - Eu até que podia trabalhar lá na padaria do paí, né? Que até daí eu disse pro velho: não, que o senhor deixa o Toninho, o Antonio meu irmão, deixa o Toninho que ele tem mais jeito: que eu não sirvo pra ficar e tal, que até os velhos lá queria que eu estudasse, viu? (fala com Inês e com a assistência), que eu podia até ser o que eu quisesse: ou médico ou engenheiro, vê só, que os velhos diz que não, mas eles estão mais é montados na nota, sabe como é? E eu podia até estudar, vê só... Mas eu não, que eu não deva para esse negócio de estudo mesmo. E, depois, que que adianta. Tinha um cara lá da escola que estudou, estudou, estudou, daí até que se formou, né? Daí o cara arrumou aí uma moça cheia da nota, vê só que rabo. Até que o irmão desse daí é aquele que jogou no Corintians, que o paí não queria nem por nada que ele jogasse, né? Daí ele disse pro paí que não, quem manda na minha vida sou eu, e êsse babados, e se mandou. E s' arrancou pro estrangeiro, né? Com o Corintias, que até ele estreou quando o Corintias foi fazer excursão no estrangeiro e ganhou de três a dois. Lembra? Aquela vez, né? Eu me lembro até que o rádio lá de casa tava querendo dar uma mancada e no fim deu mesmo, né? Daí que eu até acabei indo ver o jogo na casa do Binho, que o rádio dele tava bom. Daí até que eu cheguei e disse: Olha, Binho, o meu rádio deu aquela mancada, né, que eu tava com uma raiva desgraçada.

Mãe - Olha aí o cafezinho. Não sei se está bom de açúcar.

Pedro - Que nada, dona Clara, que nada, que a senhora nem precisava de se incomodar de fazer um café tão bom assim pra quem é baculhau basta. Bem, que agora eu já tenho que ir me mandando, né? Que o carro tá parado ali no ponto final pra eu vim aqui, né? Que eu falei pro motorista: segura as pontas velho, que eu num pulo

- tô de volta, e ele disse: "vê lá o que tu vai me apron tar, hein? Não vai me atrasar muito o horário que os ' home lá dão a bronca. E daí eu falei assim pra ele,que nada, meu chapa, um atrazozinho a mais não tem im - portância e além do mais a macacada aí já tá acostuma- da com esse negócio de carro atrasar(ri). Vê só que sarro...Não tem nada não. Quer dizer que eu vou me mandando, tá legal? (para a assistência)- Olha aí, não quer aproveitar? Se tem alguém aí que vai lá pros la - dos da Lapa aproveita que o carro já tá de saída...Então tô logo dona Clara, tô logo Inês, no meu dia de folga eu passo aí que é pra gente bater um papo mais legal, tchau. Tchau macacada (assistência).

(Pausa. As outras chegam perto de Inês. As Festeiras batem o bolo de pressa).

Mãe - Com'é, Inês?

Festeiras - Nós já podemos fazer
O resto dos salgadinhos?
Botar enfeite no bolo
E deixar tudo prontinho?

Mãe - Quando é que ele volta?

Luzia - Vocês marcaram encontro no cinema?

Mãe - Que cinema que nada, menina; o moço quando tem boa intenção, ele namora mais é dentro de casa.

Inês - Eh mãe, vê se me esquece, né? Lá vem a senhora com as' suas coisas de novo.

Mãe - Que coisas menina? Que coisas? Você ficou maluca?

Inês - Maluca eu tinha ficado mais é se aceitasse casar com esse cara daí, isso sim.

Mãe - (para a assistência)- A senhora vê como é que são essas coisas?

Festeiras - (batendo o bolo mais devagar)-
Então suspende os salgadinhos
E o enfeite lá do bolo
Essas coisas estraga', é certo
Vamos fazer mais pra perto.

Mãe - (para a assistência)- Mas também eu vou dizer uma coisa pra senhora heim, que a senhora está aí de prova: a minha obrigação já está feita: o enxoval já está quase ' pronto, o dinheiro do vestido já está separado... e olhe lá... Agora, ela que se vire, porque o resto não ' depende mais de mim.

Leonor - Ó, ó Inês. Eu aí não tenho nada que m' meter lá nos teus assuntos, qu'isto é da comp'tência de cada qual, mas eu, se fosse tu eu pensava mais um bocadinho a respeito do assunto. Ora, pois, pois não vê que o gajo lá não é nenhuma maravilha. Isto é verdade, não é lá nenhum artista de cinema, isto é v'rdade. Mas, ó raios ao final das contas essas coisas não se come: boniteza não s' põe na mesa, já lá diz o velho ditado. Pensa ' bem m'nina, pensa bem. O seu Pereira, pai aí do moço , tem já duas panificadoras só aqui no bairro. E não se passa um ano mais sem que el' compre outra, isto é certo. Agora, o seu P'reira não vai durar pra sempre , pois não? Que toda a gente tem o seu dia . E pra quem é que tu achas, ó m'nina, que vão ficar as panificadoras do homem? Se não é pr'os três filhos. E olha, m'nina Inês, que com uma panificadora só uma p'ssoa pode já levar uma vida principesca, qu' não dirá com mais que uma...

(E escutam o que vai dizer Inês)

NÃO

Inês Canta

(No canto Inês diz para a assistência se ela está vendo como que - rem casá-la com o dinheiro. Pergunta às mulheres por que elas se casaram.

Inês é agressiva.

A Mãe ralha com ela e diz se isso é jeito de tratar as visitas.)

QUARTO ENTRECUADROS

(Vem Luzia e diz para a assistência:)

Luzia - Pois é, o negócio estava nesse pé. A Inês até que não tinha muito azar não, mas sabe como é, é aquele negócio de escolhe, escolhe, e às vezes quem muito escolhe acaba ficando na mão, né? Mas foi aí que eu me lembrei daquele programa de casamento, que tem na televisão e disse assim pra Inês: Olha, menina, por que é que tu não escreve prá lá? Diz que tem gente que acerta, e parece até que já saiu muito casamento do tal programa...

(Música. Luzia e os Outros vão sentar-se junto com a assistência)

ESCOLHA SEU MARIDO

(Trazem um praticável sobre rodas, sobre o qual está um trono. Atrás do praticável uma tela pintada com cortinas repuxadas, como casas de Teatro Municipal. Podem vir outros cartazes, como aquele do conjunto da ABERTURA. Música. Vem o ESPIQUER).

Espiquer - Senhoras e senhores, muito boa noite. Estamos aqui mais uma vez para lhes apresentar(música)- "Escolha seu Marido"...

Coristas - (cantam)- Senhoras e senhores
Silêncio
Nem mais um ruído

Nós três 'stamos aqui
Para lhes apresentar
O programa
Escolha seu marido.

Espiquer - Muito bem, muito obrigado, meninas. Senhoras e senhores passemos então sem perda de tempo à feliz telespectadora , cuja carta foi sorteada na semana próxima passada, e que esta noite estará aqui, frente às câmeras para escolher o seu marido... E agora eu pergunto senhoras e senhores, (acordes)- terá ela a sorte da telespectadora da semana passada?(acordes)- Apaixonar-se- á ela por um dos rapazes que aqui trouxemos esta noite? (acordes) - Proporcionará, hoje, o nosso programa a realização de mais um casamento feliz? (acordes)- É o que nós logo vamos saber, porque aí vem... a feliz contemplada desta noite.

(Música. Inês vem pelo corredor do teatro)

Coristas - (cantam)- Senhoras e senhores
Por favor, olhem para nós três
Nós somos uns amores
E vivemos só para vocês
Senhoras e senhores

- Olhem-nos, pelo amor de Deus
Vejam como nós fizemos belas
Para alegrar
Para alegrar os olhos seus
Senhoras e senhores
Olhem-nos só por uma vez
E vejam
Que nós existimos
E que só pensamos em vocês.

(As três Coristas levam Inês até uma cadeira)

Inês -- Engada.
Espiquer - Muito bem, muito bem. Senhorita...Inês.
Inês - Inês.
Espiquer - Senhorita Inês, como tem passado? Muito nervosa?
Inês - Não.
Espiquer - É natural que ela esteja nervosa, não é mesmo senhoras e senhores? Pois afinal de contas, dentro de poucos minutos ela estará(acordes)- escolhendo o seu marido (acordes). Mas esteja à vontade, senhorita Inês, esteja à vontade que todos aqui são seus amigos. Pois muito bem, amigos telespectadores, vamos agora passar para a parte principal do nosso programa(acordes)- Escolha seu marido(acordes)- trazendo para os senhores os personagens principais do programa: (acordes)- Os Maridos (acordes). Como o senhor sabe, amigo telespectador que tem acompanhado semanalmente o nosso programa, nós trazemos todas as semanas três candidatos a marido para que a nossa feliz contemplada escolha entre eles aquele que mais lhe agrada. Mas, sem maiores perdas de tempo, amigos telespectadores, passemos imediatamente ao desfile de candidatos a marido. Tudo bem, senhorita Inês?
Inês - (balança a cabeça)
Espiquer - Pois muito bem, senhoras telespectadores, e com os senhores então, o nosso primeiro candidato.
(Entram pessoas dos bastidores e conversam com o Espiquer. Nota-se que alguma coisa não está certa. Enquanto isso as Coristas cantam).

Coristas - Senhoras e senhores
Por favor
Guardem-nos na mente
E sobre nós com o vizinho
Aí do lado
Por favor comente
Guarde os nossos nomes
E os repita
Aí constantemente
Lene
Marlene
Marilene
Para amá-los
Aí eternamente.

(O que acontece em seguida deve ser improvisado, mas é mais ou menos assim)

Espiquer - (como ator para as coristas)- 'spera aí, 'spera aí, 'spera aí um pouco. (para a assistência)- Olha, sabe o que' é? Acontece que a gente não tem quem faça os papéis de candidatos a maridos. Sabe como é né? A gente escolhe ' uma peça que tem muita gente e no fim é isso que dá Mas não tem nada não. Acontece que os papéis são muito' simples, só tem que falar uma coizinha de nada, e por isso nós resolvemos pedir pros senhores quebrarem esse' galho pra gente. Nós queríamos alguém aí da assistência que viesse aqui ler o papel do primeiro candidato a marido. Quem quer ajudar? O senhor aí quer vir?

(Os Outros também procuram alguém na platéplatéia).

Espiquer - Quer vir? Vem, faz favor. Não tem nada de mais, é só ler o papel, tá tudo escrito aqui.

(Os Outros ajudam um senhor da platéia a subir. O Espiquer dá as instruções)

Espiquer - - Isso. Isso. Muito obrigado por quebrar esse galho pra gente. Olha, é muito simples. O senhor senta aqui (senta-se no trono)- Eu vou fazer três perguntas pro senhor. Quando eu fizer a primeira, o senhor lê o que está escrito do lado do número um. Quando eu fizer a segunda o senhor lê o que está escrito do lado do número dois. Quando eu fizer a terceira lês aqui do lado do número três. Certo? Tá tudo certinho? Podemos começar ? Certo. Então vamos lá.

(Todos voltam para os lugares e recomeça a peça)

Espiquer - Aqui está, então amigos telespectadores, o nosso primeiro candidato. Como podem ver, principalmente você senhorita Inês, preste muita atenção heim...É um bonito rapaz, forte e saudável, e sem dúvida alguma tem uma acentuadíssima semelhança com um dos nossos maiores cantores. Alguém aqui no auditório poderia advinhar quem é?

Luzia - (na platéia)- Agnaldoooooo...

(Gritos)

Espiquer - Realmente, realmente a semelhança é impressionante. Mas agora, como é de praxe no nosso programa o candidato escolherá um assunto qualquer sobre o qual lhe será feita uma pergunta. Como os senhores sabem, amigos telespectadores, esse item do nosso programa visa descobrir o grau de cultura do nosso candidato à marido, facilitando assim a escolha da nossa feliz contemplada, que dessa forma mais seguramente poderá se decidir sobre qual dos três candidatos a marido aqui apresentados recai a sua escolha. Certo, senhorita Inês?

Inês - (afirma com a cabeça)

Espiquer - Certo. Então vamos às perguntas. Senhor...como é mesmo o seu nome?

(Acordes. O Espiquer deve apontar com o dedo o que o Homem da Platéia deve ler)

Homem da Platéia - Agnaldo.

Lucia - (na platéia, grita)

Espiquer - Ah, mas que feliz coincidência, senhor Agnaldo, então sobre que assunto o senhor irá responder?

Homem da Platéia - Futebol.

Espiquer - Muito bem senhor Agnaldo. Então aqui vai a pergunta:(acordes)- Qual foi o maior problema enfrentado pela Seleção Brasileira de Futebol, em seu jogo com a Colômbia, na eliminatória para a Copa do Mundo em 1970?

Homem da Platéia - (lê)- A altitude de Bogotá, onde se deu o jogo. O Dr. Lídio Toledo, médico da Seleção, teve a grande prova disso durante o individual de 20 minutos que os jogadores tiveram no dia 20 de julho de 1969, pela manhã, na Academia Militar dos Cadetes de Bogotá: Everaldo sentiu uma dor de cabeça muito forte e pôs sangue pelo nariz.

Espiquer - Mui-to-bem. Muito bem, senhor Agnaldo, o senhor acaba de dar provas cabais de alto grau de inteligência. Por favor, palmas para o nosso candidato, que acaba de se sair muito bem do teste de inteligência.

(Palmas)

Espiquer - Agora vamos para a opinião mais importante, que é a da nossa feliz contemplada. (acordes)- Senhorita Inês, a sua opinião sobre o candidato é ...(música, silêncio, tensão)

Inês - Não.

Todos - Oh!

Espiquer - Pois muito bem. A senhorita Inês é quem decide. Sr. Agnaldo muito obrigado por tudo e até uma próxima vez.

Coristas - (cantam)- Senhoras e senhores
Se vocês são uns amores
Olhem para nós
E reparem nos valores
Da nossa interpretação
Não importa se é pontinha

- Mas saiam daqui dizendo:
"Nós viemos só pra vê-las
Nós viemos só pra vê-las
Nós viemos só pra vê-las
Aquelas três têm futuro
Logo, logo são estrelas..."

Espiquer - Muito bem, muito bem, passamos então senhoras e senhores para a apresentação do segundo candidato a marido...

(Acordes. A cena improvisada pode se repetir e os atores procurarão alguém na platéia que faça o segundo candidato a marido, e então tudo se passará como segue. Mas pode também não haver o segundo candidato, e nesse caso o Espiquer explicará a platéia que, por falta de colaboração dos senhores assistentes, ele terá que passar logo para o terceiro candidato).

Espiquer - Aqui está então senhoras e senhores, o nosso segundo candidato. Como os senhores podem ver... Bom, mas para encurtar a história vamos direto à pergunta. Senhor Roberto, o senhor vai responder sobre...

Homem de Platéia II - Samba.

Espiquer - Muito bem. Então aqui vai a pergunta:(acordes)- Dê-nos, senhor Roberto, sobre o primeiro samba.

Homem II - (18)- Na noite de 6 de agosto de 1916, em meio a outras cantigas e ruidos, ouvi-se o refrão de um improviso musical que aludia a enérgica perseguição do jogo, o estribilho era de João da Mata e fôra composto no morro de Santo Antonio. A composição cantada em noites sucessivas e, entusiasmado com o sucesso, Donga que nela colaborara mais tarde,a registrou com o título de "Pelo telefone" e denominando-a de "samba", denominação que aparecia pela primeira vez em músicas editadas.

Espiquer - Certíssimo, muito bem senhor Roberto. E vamos logo à opinião da nossa contemplada. Senhorita Inês, sua opinião sobre o candidato é...

(Música, tensão)

Inês - Não.

Todos - Oh!

Lucia - (num grito)- Inêeeeeeeeees....

(acordes)

Espíquer - Muito bem. Muito obrigado, senhor Roberto, fica para uma próxima vez. Vamos então ao nosso terceiro candidato desta noite. (música)

Coristas - Senhoras e senhores
Por favor não dêem mancada
Olhem para nós
Por favor não custa nada
Reparem na vocação
Que nós temos todas três
Nós queremos ser estrelas
E dependemos de vocês

Olhe, nós queremos ter
O nosso próprio teatro
Ser famosas aparecer
Na rua ser apontadas
Das multidões ser amadas

Oh, nos amem, por favor
Só depende de vocês
Olhem, olhem para nós
E nos amem todas três...

(Duas coristas continuam cantando enquanto uma sai desesperada,se põe a gritar para a assistência)

Corista I - Olhem para nós, pelo amor de Deus. Nós até que somos lindas. Nós somos lindas pra vocês. Olhem pra nós, pelo amor de Deus.

Corista II - (também parando de dançar)- Amo a gente, faz favor. Ame a gente que nós queremos ser estrelas.

Corista III -- Nós queremos ser estrelas.

Corista I - (chorando)- Diz que somos também maravilhosas.

Corista II - (chorando)- Diz, faz favor.

Corista III - (descendo para a platéia)- Diz que nós temos talento, diz.

Corista I - Diz.

Corista II - (descendo para a platéia)- Diz o que é que a gente não tem que as grandes estrelas têm.

Corista I - (descendo para a platéia)- Diz o que é que elas são mais que a gente.

Espiquer - Meninas, meninas.

Corista I - Nós queremos ser estrelas (gritando).

Corista II - Nós queremos ter o nosso teatro.

Corista III - Nós queremos ter o nosso nome na frente do teatro.

Espiquer - Meninas, que é isso! Subam já...

Corista I - Nós queremos ser as grandes estrelas do teatro nacional.

Corista II - Nós queremos ser reconhecidas na rua.

Corista III - Nós queremos ter casa com piscina.

Corista I - Cinco carrões.

Corista III - Mordomo.

Corista II - Cosinheiro chinês.

Corista I - Secretário.

Corista II - Fazendas.

Corista III - Pés de café.

Corista I - Brilhantes.

Corista II - Fim de semana em Paris.

Corista III - Um palácio.

Corista I - Uma côrte.

Corista II - Um trono.

Corista III - Uma coroa

Espiquer - Me-ni-nas.

Coristas - (choram)

Espiquer - Voltem já para o palco.

Coristas -(voltando)- Nós queremos ser estrelas.

(O Espiquer vira-se de costas para a platéia e fala alguma coisa' entredentes, com as coristas. O Espiquer se afasta e as três se colocam em posição para recomeçar desanimadas)

Coristas - (cantam)- Senhoras e senhores
Aplaudam
Com todo o recato
Que vem aí
O terceiro candidato.

Espiquer - Muito bem, senhoras e senhoras, passemos então ao terceiro e último candidato desta noite.

(Acordes. Entra João Brasílio, trazido pelas Coristas, estas agora arrasadas)

Luzia - (histérica)- John Bráz.

Mãe - Fica quieta menina. Mas que coisa.

Leonor - Virgem Nossa Senhora, que não se pode ver a peça se tu te põe aí a gritar desse modo...

Luzia - John...

(Final dos acordes. Inês levanta-se, nervosa. John senta-se, rindo).

Espiquer - Realmente, senhoras e senhores, muito justa esta manifestação da platéia, porque sem dúvida alguma é impressionante a semelhança entre o grande ídolo da juventude moderna, John Bhrazz e o cavalheiro aqui, como é mesmo o seu nome?

João Brasílio - (rindo)- É João Brasílio.

Espiquer - Então... Senhorita Inês, a postos? Então, senhor João Brasílio, vamos à pergunta. Sobre que assunto o senhor prefere responder?

João Brasílio - (rindo)- Responder?... Eu?...

Espiquer - Sim, sobre que assunto o senhor gostaria de fazer o nosso teste de inteligência?

João Brasília - (rindo)- Assunto?...É...

Espiquer - Senhorita Inês, firme aí?

Inês - (faz que sim com a cabeça).

Espiquer - Então, senhor João Brasílio?

João Brasílio - É meu chapa, não dava pra pular esse pedaço não?

Espiquer - Pra pular esse pedaço?

João Brasílio - (rindo)- É, pô, pra pular, pô. Eu não quero responder nada não, que se não eu vou dar mancada aí e pô, tu acha que vai ficar bonito pra minha cara?

Espiquer - Bom... Eu não sei... Acho que eu deveria consultar o diretor...

Luzia - (da platéia)- Pula o pedaço.

Espiquer - Pulo?... Eu não sei...

Luzia - (batendo palmas)- Pula. Pula. Pula. Pula. Pula...

Espiquer - Está bom, está bom, está bom. Pulamos o teste de inteligência.

Luzia - (aplaude)

Espiquer - Bem, então vamos ao outro item. (consulta a ficha) Ah, agora vamos para a opinião da nossa feliz comtemplada. Senhorita Inês, a sua opinião sobre o candidato é...

(Música. Todos olham para Inês)

Luzia - Dá-lhe, Inês...

Espiquer - Então, senhorita Inês, a sua opinião sobre o candidato é...

Inês - Sim.

Luzia - (grita).

(Música. As falas seguintes são dadas ao mesmo tempo, transformando o palco numa confusão. Luzia e os outros sobem. A mãe chora, apoiada por Leonor).

Espiquer - Muito bem, muito bem, senhoras e senhores, mais uma vez o nosso programa "Escolha seu Marido" escolhe um marido para uma feliz contemplada. Escreva-nos você também...

Luzia - Ei, ei, ei.
John Bras é o nosso rei.
Or,or, or
John Bras é o maior.
Esso, esso, esso
John Bras é um sucesso
Asa, asa, asa
John Bras é uma brasa.

(Toca Danúbio Azul e Inês dança com João)

Festeiras - (batendo o bolo com força)
Se a noiva já achou o noivo
Não tá faltando mais nada
Nós já podemos fazer
O resto dos salgadinhos
Botar enfeite no bolo
E deixar tudo prontinho

Coristas - Senhoras e senhores
Silêncio
Nem mais um ruído
Nós três estamos aqui
Para encerrar
O programa
Escolha de Marido

(INÊS e JOÃO saem dançando pelo corredor do teatro. Atrás saem a Mãe, sempre chorando, confortada por Leonor, e Luzia gritando, além das Festeiras, sempre cantando e batendo o bolo com força. O Espiquer vai também, empurrando o praticável. As luzes do palco se apagam, e só as Coristas ficam, para a música).

Coristas - (muito arrasadas)- Senhoras e senhores
Ainda não vão embora
Nós voltamos logo agora
Continuando a história
Se quiserem descançar
Dêm uma volta lá fora
Se não estiverem cansados
Continuem aí sentados
Que nós passamos agora
A um ato variado

(Pausa. As Coristas olham para a platéia)

Coristas - (chorando)- Nós queremos ser estrelas...
(E se vão, correndo).

ATO VARIADO

É um intervalo que deve ser preenchido por um mágico, um palhaço, um número de dança, canto, malabarismo ou qualquer outra coisa, ou tudo isso junto.

REMBRANDT

(Vem as Festeiras, vestindo vestidos de seda drapeada e cada uma com uma bandeja de docinhos nas mãos. Falam e se movimentam sempre iguais).

Festeiras - Virgem, credo, ai Jesus
Mas nossa, que trabalheira
Como festa dá canseira

(Barulho da festa, dentro)

Festeiras - Além de fazermos tudo
Ainda toca a servir
Mas tem é que ser assim
O serviço já completo
Quem não quer, saia de perto

(Barulho da festa, dentro)

Mas que festa mais bonita...
Tem gente! Pra mais de cem
Bem pra mais. E a Inês
Ai, que noiva mais catita
E o João Brasílio também
E bem mais que uma vez
Qu' elogiaram os doces
Bom, também, se assim não fôsse...
Que prática a gente tem.

(Barulho da festa, dentro)

Mas pr'os senhores aqui
Que não puder'ir a festa
Nós trouxemos, ora essa,
Um pouco do que sobrou

(Descem para a platéia)

Não é muito é só pouquinho
Só trouxemos alguns docinhos
Mas já dá pr'esp'rimentar
Vá tirando, vá tirando
Não precisa de acanhar

- Este aqui é o bom-bocado
Que leva côco ralado
Este outro é d'amendoim
Que pro noivo faz um bem
Pros convidados também
Brigadeiro é o pequeninino
Este aqui é o cajuzinho
Vai pegando, tá ruim?
Pra que cerimônia assim?...

Oi, nós deixamos a bandeja
Tira um e vai passando
Que nós já vamos andando

(Sobem no palco)

Qu'está na hora de ir
Depois, nós viem'aqui
Mas foi pra dar uma mão
A festa já tá acabando
Acabou nossa missão
E é mesmo muito bom
Que nós j'estamos cansadas
Boa noite pra vocês
E até uma outra vez.

(Saem)

QUINTO INTERRUPTUS

(Vem Luzia e diz:)

Luzia - Ah, ainda bem que está todo mundo aí, ninguém foi embora. Não, é que eu estava lá dentro, estava dizendo pra Inês: "Olha menina, por que é que tu não mostra agora o Album do Casamento? Aproveita, bobe, que tu já tá vestida de noiva mesmo, assim tu não precisa ficar se vestindo de novo..." Não, é que esse pedaço de mostrar o Album ia ser depois: era um pedaço que eu ia visitar a Inês e ela me mostrava as fotografias do casamento, e aí vocês viam como foi, mas então eu disse pra ela: vamos mostrar agora, ora essa é boa, quê que tem não? O pessoal deve de estar louquinho pra ver como é que foi. Ah, a gente gosta de ver não é mesmo? Quem não gosta... Que é, vai me dizer que não está todo mundo aí aceso, querendo saber como é que foi o vestido, o bolo, e se ganhou muito presente e tudo. Está que eu sei, ora. Quer contar pra mim... (Dra dentro)- Inês pode vir que eu já falei.

(Inês, João e os outros entram, empurrando o praticável sobre rodas. Este agora está arrumado como se fosse uma grande fotografia colada num album. Há uma pequena cortina escondendo o interior da foto, como se fosse um teatrinho. Todos os elementos descritos nas fotos são pintados em papelão e recortados, inclusive as pessoas, menos João e Inês, que são eles mesmos, imóveis fazendo pôse)

Luzia - (fingindo de apresentadora)- E agora pessoal, nós vamos apresentar pra vocês, o Album de Casamento.

O ÁLBUM DO CASAMENTO

(A cortina corre e estão João e Inês, em pôse de fotografia, com uma cesta de flores- pintada - na frente).

Luzia - Ai, menina, que legal... essa está muito bacana, viu?

Inês - É, está, mas eu queria que aparecesse o vestido, mais do que aqui. Porque tu sabe como é, era um vestido tão lindo que custou um dinheirão, pra ser usado uma vez. Pelo menos uma foto pra ter de recordação. Com ele todinho, né?

Luzia - (para a assistência)- Ah, isso é verdade. Vestido de noiva muito caro é a maior bobagem. Eu, quando for o meu, vou querer bem simples, e olho lá. É pra usar uma vez só lá ou não é? E de mais a mais, noiva quanto mais simples mais ' bonita. Ah, eu acho... Então... Agora, vê aí a Inês...Não que o vestido dela não fosse bonito, era até muito bonito mas pelo dinheiro que ela diz que gastou, minha filha,não era lá essas coisas não. Com um dinheiro desses eu fa zia um pra mim de deixar todo mundo de boca aberta...

(A cortina corre e estão Inês e João rodeados de padrinhos- pintados, menos Leonor. Continua a cesta na frente da noiva).

Luzia - E esses daí, quem são?... Ah! Até que está bacana. Então. E olha como a dona Leonor portuguesa saiu bem, menina...

Inês - Estes aqui são os padrinhos do religioso. Mas viu?J'andou dando confusão, a foto com os do civil que eu tirei, ' não saiu. Agora não sei que faço, que foto qu'eu dou pra eles. Se dou uma de mim sozinha... Também a culpa não é minha.

Luzia - (para a assistência)- Ah, minha filha, essas coisas são assim mesmo. Padrinho é a coisa mais difícil de contentar por isso mesmo é que eu, quando for o meu, já vou avisando todo mundo que não vou dar fotografia pra ninguém. Eu não. Pra quê? A gente gasta uma fortuna em fotografia e depois ainda fica um dizendo: ai, porque nessa daí que vo cês me deram eu não saí bem, a outra: é, porque nessa eu saí de costas. Eu não, pra que? Pra depois ainda ficar escutando? Deus me livre...

(Corre a cortina e estão Inês e João cortando o bolo-pintado).

Luzia - Ah, olha o bolo. Puxa, até que o bolo era mais fotogênico do que vocês dois, heim!

Inês - Até que estava bonito. Tu não acha? eu gostei. E até que estava bom, aquelas três tem uma mão... E enfeitam que sei. Eu quis como o da princesa que eu vi numa revista, dava uma vista na mesa!

Luzia - (para a assistência)- Olha, bonito estava mesmo, viu? Uma beleza. Parecia um castelo. Mas o gosto... Também, né, pra segurar todos aqueles andares, não podia ser um bolo minimacio mesmo, que se não desmoronava tudo, ora. Aquelas ' três que fizeram não tem culpa mesmo. É por isso que eu não gosto de bolo enfeitado, viu? Prefiro um simples mas que seja bom feito...

(Corre a cortininha e aparece Inês ajoelhada a um canto, com um terço na mão, e atrás- pintado - um Cristo enorme, com uma hóstia na mão).

Luzia - Ué. E essa daí, o quê que é?

Inês - (olhando para o Cristo)- Ah, essa aqui é da minha primeira comunhão. Não sei como é que veio parar aqui no meio ' do álbum...

(A cortininha aberta mesmo, rapidamente é retirado o Cristo e são trazidos os presentes- pintados - Inês segura um liquidificador - pintado - na mão).

Luzia - Ah, os presentes...

Inês - Olha, até que estava bom, ganhei bastante presente agora, o que a gente sente é uma madrinha aí qu'eu não vou dizer o nome, que deu uma porcaria... Coisa que ninguém queria. E tu viu a minha tia?! Fulana cheia da grana só passou um telegrama...

Luzia - (para a assistência)- Também, não é pra menos; convidam ' cada um... Só podia ganhar joguinho de café mesmo. Só de vizinho eu contei mais de vinte. É sim. Mas também, minha ' filha, quem dá festa pensando em presente, pode tirar o cavalinho da chuva viu? No fim a gente acaba gastando um dinheirão e ganhando só bobagem, coisa que não serve pra nada. Por isso mesmo é que eu, quando for o meu, vou

- fazer despedir-se na Igreja; então, minha filha, é o que está se usando mais hoje em dia, e ainda por cima a gente não gasta nada, cu heim?

(Corre a cortininha e aparece Inês, com a cesta de flores, cercada de moças - pintadas - Ao lado de Inês há um lugar vago.)

Luzia - Ah, olha a turma toda aí. A Lurdinha da dona Mariana,e... (para a assistência)- Aquele lugar vago ali do lado da Inês sou eu, (para a foto)- Olha a filha da Rosa Polaca, como saiu bem... a filha da dona Maria Bordadeira; credo, ela está gorda! Se continuar assim vai pelo mesmo caminho da mãe. Olha a Rutinha. Essa daí já casou também né?

Inês - É...

Luzia - E a Elza da dona Antoninha, que ficou noiva no sábado passado. Puxa, essa turma toda já está bem encaminhada, ' heim... (para a assistência)- Essa Elza daí ficou noiva ' do Waldir, que o pai dele tem uma chácara lá pro fim da linha do ônibus...Eu não sei não, e Deus queira que não , viu? Mas dizem que esse tal de Waldir bebe que só Deus sabe. Só ele e uma esponja. Coitada da Elza! Que aturar homem já deve de ser duro, quanto mais bêbado. Mais também, eu não sei o que essa gente tem na cabeça. Pois não está vendo desde já que o cara não presta? Mas não, é aquela ' secura de casar, casar, casar, só pensa em casar. Parece que vai morrer se ficar solteira. Agora, eu não, minha filha, eu não estou dando a mínima. Eu... se tiver de casar' caso, se tiver que ficar solteira fico, que me importa. E de mais a mais eu tô muito bem assim como estou, pra que ' procurar carma pra me coçar, não é mesmo?

(Corre a cortininha. Em primeiro plano há varios braços enormes , (prespectiva)- pintados- erguidos; no ar- pintado- o buque.No fundo, de costas, Inês, logo depois de o ter jogado)

Luzia - Ah... (pausa)- Essa daí saiu boa. Credo, quanta mão. A minha também deve de estar aí no meio.

Inês - Olha, o meu buque deu certo. A menina que pegou até já ' quase casou. Ah, mas eu pedi pra ela pra não levar ele embora porque eu fiz uma promessa de dar pra Nossa Senhora.

Luzia - Ah, é mesmo foi a Elza da dona Antoninha que pegou o buque, né? Também, só faltou cair na mão dela, se não pega se... Eu é que nem me abalei pra pegar. Eu não. Se a gente tem de casar, minha filha, essa mesma, não é porque pegou o buque. Eu não acredito nessa história, a senhora ' acredita?

(A cortininha cai sobre a foto do buque. Todos aplaudem, os que ' tinham ajudado a arrumar as fotos)

Inês - Aí, menina, agora eu tenho que ir lá pra dentro que eu acho que já foi quase todo mundo embora, e eu tenho que ' me arrumar pra viagem, que eu acho que já tá quase na hora da gente ir.

Luzia - E onde é que vocês vão?

Inês - Ah, eu vou pra Poços de Caldas.

Luzia - Ah...

Inês - (para a assistência também)- Tchau. Depois a gente se vê. Tchau.

Luzia - Tchau. (pausa. Dentro, barulho de festa)- É... Bem, eu acho que eu já vou é me mandando, que eu estou num prego daqueles...(para a assistência)- Bom, se eu não ver mais vocês, até a próxima. Tchau. (sai)

(Vem Inês e João Brasílio, empurrando uma cama. Ela ainda está vestida de noiva).

INÊS - (sentando na cama)- Ufa!
João - (rindo)- Pesadinha, né?
Inês - O!
João - (ri)
Inês - Se é...

(pausa)

Inês - Tu viu como tinha gente no casamento?
João - O...
Inês - É...
João - Se tinha...

(pausa)

João - (rindo)- Esse hotel aqui até que é bom, né?
Inês - O!
João - (ri)
Inês - Se é...

(pausa)

Inês - Tu já conhecia Poços de Caldas?
João - O!
Inês - Conhecia?
João - (rindo)- Não.
Inês - Ah...
João - Pois é...

(Pausa. Inês pega uma revista e começa a ler)

João - A gente bem que podia dar uma volta por aí, né?
Inês - Não.
João - (rindo)- Por que não?
Inês - Tu não vê que a gente é recém-casado?
João - (rindo)- E daí?
Inês - E daí. E daí que a gente tem que ficar o tempo todo no quarto, ora.

João - (rindo)- Por que?

Inês - Porque é assim mesmo, ora, tu nunca ouviu falar?

João - (rindo)- Eu não, quem te disse?

Inês - Quem me disse? Ora, todo mundo diz. Até a Candinha, filha da dona Aurora, quando voltou da viagem e que a minha mãe perguntou pra ela que tal era Poços de Caldas ela disse que de Poços de Caldas ela só conhecia o hotel.

João - (rindo)- E o que a tua mãe disse?

Inês - Nada, ora, o que que tu queria que ela disesse?... A minha mãe riu.

João - (rindo)- Ah, sei...

(pausa)

João - (rindo)- Olha.

Inês - Ham.

João - (rindo)- Então eu achava bom a gente se resolver logo, né?

Inês - Ham.

João- (rindo)- Pra acabar de uma vez com esse lero-lero, ora.

Inês - Ah, isso é verdade.

João - Então.

Inês - Ah, sei. Tá legal. Bom, então eu acho que agora eu tenho que ir lá pra dentro e botar uma daquelas camisolas fininhas, né?

João - É?

Inês - É, menino, tu parece bobo... Tu nunca viu naqueles filmes, que o cara vai no apartamento da mocinha? Então, eu entro de camisola fininha... ah, mas a gente tem que apagar a luz e deixar só o abajur.

(Alguém dá um abajur para João, que fica segurando. Eles esperam a luz apagar)

Inês - Isso. Agora eu entro dali...

(Desce uma tela, onde se projeta o comercial do Miss. Entra o "jingle" correspondente)

Jingle- Tão bonita e cheirando igual a um homem...

Inês - Chi...

João - Que foi?

Inês - Eu me esqueci...

João - O que?

Inês-- (aponta o filme)

João - Ah...

Inês - Eu bem que passei ontem na farmácia do seu Pedro, mas ele não tinha desse daí.

João - Puxa...

Inês - E agora?

João - Eu é que vou saber?

Inês - Tu acha que tem importância?

João - Sei lá... Mas eu acho que não, pô.

Inês - Ah, é isso mesmo, eu acho que vai dar certo, né?

João - É.

Inês - Então tu fica aí que eu vou lá pra dentro.

João - E o que é que eu fico fazendo?

Inês - Tu fica sentado na poltrona.

(Olham em volta. Depois João olha para os bastidores por um momento. De lá, Alguém faz sinais.)

João - Não tem poltrona.

Inês - Eh...

João - Pois é...

Inês - Mas não faz mal. Tu fica sentado aí na cama mesmo. E fica fumando. (Vai sair)

João - Fumando?!

Inês - (saindo)- É.

João - Mas eu nem fumo nem nada, ora.

Inês - (voltando)- Eh, então não vai dar certo...

João - Pois é, pô.

Inês - Que chato. (pausa, Inês senta-se na cama)

João - E agora, o que é que a gente vai fazer?

Inês - (pegando a revista)- Sei lá, ora... (pausa)

João - Puxa, mas se eu soubesse que precisava eu tinha aprendido a fumar. Mas ninguém me fala nada, pô...

Inês - Pois é. Tu também parece que nunca vai ao cinema, nunca olha os anúncios das revistas. Assim não dá mesmo... (pausa, Inês lê).

(Se quiser, podem entrar alguns cartazes de talco, desodorante, batom, etc.)

Inês - Ah... Já sei.

João-- Que é?

Inês - (mostra a revista)- Olha aqui.

(Entra filme e "jingle" de uísque Royal Lable. O filme é o da moça deitada sobre uma onça)

João - Ah!... Mas e o uísque?

Inês - (abrindo uma mala que está sobre a cama)- Não faz mal, eu tenho aqui um vidro de Lisoforme Primo que eu passo no pé, a gente usa isso mesmo. Está aqui. Agora entra tu ali por aquele lado que eu fico aqui deitada.

João - Deitada onde?

Inês - Hem?

João - E a onça?

Inês - É mesmo.

João - A gente podia arranjar outra coisa qualquer.

Inês - Ah, não...

João - Não é uma pele de onça? Então. Qualquer pele serve.

Inês - Ah...

João - A gente podia pedir pra eles (platéia). Será que ninguém vê o de casaco de pele hoje, pra emprestar pra gente? A gente não estraga não, é só pra usar um pouco, depois a gente devolve.

Inês - Ah não, se não tiver a onça não tem graça.

João - Mas a gente podia fazer de conta... É assim que todo mundo faz.

Inês - Ah não, assim eu não quero.

João - Mas, também, tu é bem tinhosinha, heim? Desse jeito, minha filha...(para a assistência)- Desse jeito pode ficar esperando sentada mesmo que a gente não vai sair deste pedaço hoje.

Inês - Ah...

João- Ah o que, é isso mesmo. Uma hora não pode porque não tem cigarro, outra hora não pode porque não tem onça...

(Deve estar passando um filme comercial atrás do outro. O volume do "jingle" aumenta muito, encobrindo João. Depois...)

João - Tu quer saber de uma coisa?

Inês - Hum.

João - Agora me invoquei. (Derruba alguns cartazes, empurra a tela para cima, faz sinais para que abaixem o som)- Agora , nós vamos fazer é do meu jeito, viu? Do meu jeito.

Inês - Como assim?

João - Como assim? Desse jeito, quer ver? Tu fica aí parada, com a cabeça abaixada. Vamos ver, fica, pô.

Inês - Como? Assim?

João - Isso, assim mesmo. Agora eu chego aqui assim, levanto tua cabeça. Tu finge que não quer levantar mas depois levanta. Vai finge. Agora tu põe o braço no meu pescoço. (Mole)-Põe. (mole. mole)- Agora a gente vai chegando perto da cama, vai chegando, vai chegando... Agora eu desabotoo o teu vestido.

Inês - E agora?

(Caem na cama. Beijam-se)

Inês - Onde é que tu aprendeu isso?

João - Nuns livrinhos.

Inês - (mole, mole, mole)- Como era o nome desses livrinhos?

João - (mole, mole, mole)- Livrinhos de sacanagem.

(Beijam-se. Pausa. Inês e João, depois de algum tempo olham embaraçados para os alunos e para os bastidores, onde está havendo uma correria. Olham a platéia e voltam a se beijar. Corte de luz).

Inês - (no escuro)- Puxa! Que demora pra ficar tudo preto...

João - (idem)- Psiu...

Diretor- (idem)- Que é que essa besta fica fazendo que nunca tira a luz na hora certa...

(Vem um coro formado pelas mulheres, regido pela Mãe, e canta:)

Ah! Inês, ah! Inesinha
Casar é comprar nabo em saco
É pro bons momentos e pros fracos
É compartilhar cama e comida
Casar, Inês, é pra toda vida

Ah, Inês, ah, Inesinha
É rir nos momentos de alegria
E quando não
É fazer das tripas coração

E rir de barriga vazia

(Passam duas pessoas, trazendo faixa onde está escrito: UNS ANOS DEPOIS. Atrás vem Inês, talvez ainda vestida de noiva, trazendo uma cesta com muita roupa e um tanque talvez pintado)

Pobre Inês! Pobre Inesinha
Casamento, filha, é assim mesmo
Pode dar certo, pode dar errado
Mas a mulher
Que não tem pecado
Fica bem quietinha no seu canto
Não é pra ficar aí botando pranto
Preferindo até não ter casado

Nada de lamentação, menina
Home' é assim mesmo
Essa é a nossa sina
É da mulher que depende o casamento
Tem de ser forte
Em todos os momentos

Pobre Inês! Pobre Inesinha!

(Vem João Brasílio. O coro continua de fundo)

João - Com' é, essa janta sai ou não sai.

Inês - (lavando roupa)- Sai ou não sai, é? Sai ou não sai? Por que é que tu não comeu lá onde tu estava?

João - Lá onde eu estava onde?

Inês - Aonde?: (para a assistência)- Olha só o outro. (para João)- E tu ainda tem coragem de perguntar? Aonde tu sabe muito bem: (para a assistência)- No botequim do Basco, que é onde tu passa o dia inteiro, enquanto a escrava aqui se mate, né? A escrava aqui que se esfole. Então. E quando acaba ainda tem coragem de vir aí com essa pança toda: sai a janta ou não sai. (para João)- Pois não está pronta não senhor, tá bom? Tu vai comer onde quiser que hoje não tem janta. (para a assistência)- Pronto. Acabou-se.

João - (para a assistência)- Hum... Olha só a outra. Que é que deu nela hoje? (para Inês)- Tá nervosinha, tá?

Inês - Nervosinha, é? Nervosinha tu vai ver só.

João - Ora, vê se me esquece e não me enche o saco. (para a assistência)- Tá vendo como é que é o negócio?

Inês - Não te enche o saco não.

João - Não me enche o saco sim, que eu já 'stou com o saco cheio de te ver reclamar, reclamar. (para a assistência)- Parece que não sabe fazer outra coisa se não reclamar.

Inês - (para a assistência)- Mas é claro que tem que reclamar. Esse daí só sabe se mandar pro botequim e ficar lá o dia inteirinho, enfiado. A senhora acha que dá? Ah, não...

João - Ah, é. E o que é que tu queria. Queria que eu ficasse o dia todo metido aqui dentro de casa?

Inês - (firme)- Não.

João - Não o que?...

Inês - Dentro de casa não, mas que tu fosse trabalhar, que já não ora sem tempo, ora essa é boa, que é essa a tua obrigação. O homem aqui quem é? Sou eu ou é tu? (para a assistência) - Mas nãaaaaaaoo... Ira que trabalhar? Tem a escrava aqui se virar, né? E no fim do mês o dinheiro vem mesmo, pra que se cansar?...

João - Ih, já vai começar outra vez? Que é? Vai querer me encabu -

- lar na frente de todo mundo? Essa é que é a tua?

Inês - Ah, é... Tem muita vergonha,né? Mas se virar aí pra arranjar um emprego, nem sombra.

João - (para a assistência)- Viu aí? Viu aí? É assim. Vê se dá pra aguentar. Mulher é um bicho, viu? Que só matando. Eu já falei pra ela mais de mil vezes, pra ela ter um pouco de paciência...

Inês - Paciência, é?

João - ... que se Deus quiser dessa vez eu vou me acertar, é só esperar mais um pouco. Mas pensa que entende? Entende nada.

Inês - Mas é claro que não entendo. Tu tá cansado de ser engambelado(para a assistência)- Qualquer um leva ele no bico.

João - Esse aí não.

Inês - Que não o quê...

João - Não, pô. Esse aí diz que é cobra lá no estúdio. Disse que é só acertar umas pontas lá e ele já vai me apresentar e eu já vou gravar.

Inês - Qui... (para a assistência)- O outro disse a mesma coisa e olha aí.

João - Mas o outro era um sacana, pô, que tava só querendo botar banca pra cima do pessoal do Butecão do Basco. Mas, esse daí não. Esse é firme.

Inês - Firme o que. É tudo igual. Eu já te falei: o negócio é tu pegar o jornal na página de emprego e ver se te vira um pouco, viu? Que eu já 'stou é cheia. (vai lavar roupa)

João - (para a assistência)- Olha aí . É assim. Sabe o que ela já chegou a dizer pra mim? Já chegou a falar na minha cara que eu desistisse desse negócio de ser cantor, que John Bras só tem um só, e que já é muito bom... É. Disse isso pra mim,vê se te serve.

Inês - (lavando roupa)- E disse mesmo, que é a pura verdade.

João - Então. Ela quer é que eu largue tudo e saia por aí procurando emprego numa fábrica, fazendo teste num banco. Pra depois ficar ali das oito da manhã às oito da noite, sem ter tempo nem pra me coçar.

Inês - (lavando roupa)- Não é desonra nenhuma.

João - Então. Mas que é?! Comigo não. E de mais a mais pode perder as esperanças que trabalho de banco é que não me pega não, viu como foi com o meu Almeida da dona Zizinha? Que se aposentou no mês passado? Então. Se aposentou. Trinta anos de lambuja trabalhando numa firma, e quando acaba o que é que ele tem? O que é que deram para ele? Experiência da vida, meu camarada. E olhe lá... E o cara ali, né? Levanta de manhã, trabalho; sai do trabalho, vai pra casa, janta tal e coisa, bumba, vai dormir, né? E acorda de novo e... trabalho. E é assim, entra ano sai ano. No domingo come a macarronada, vê o jogo pela televisão e bumba, coma de novo, que no dia seguinte tem batente. E assim vai. E quando o cara vê o tempo já passou e o cara já velho aí, é,e já não serve pra mais nada. E tu acha que isso é vida pra mim? Comigo não, meu camarada. Comigo não...

(volta o coro)

Nada de lamentação, menina
Nome' é assim mesmo
Essa é a nossa sina
É da mulher que depende o casamento
Há que ser forte
Em todos os momentos
Ah, Inês, ah, Inesinha

(E o coro vai e Inês fica lavando roupa).

SÉTIMO ENTREQUADRO

(Vem uma porta)

Porta - (pum, pum, pum)

Inês - Quem é?

Porta - (pum ,pum, pum)

Inês - (indo)- Já vai. (abre a porta)

(Pausa. Atrás da porta está Carmem)

Carmem - Boa noite.

Inês - Boa noite.

Carmem - A senhora é que é a dona Inês?

Inês - É. Sou eu mesma.

Carmem - Não é a senhora que é a mulher do João Brasílio?

Inês - É. Sou eu mesma sim. Por quê?

Carmem - Eu sou Carmem.

(E as mulheres descem depressa para a platéia)

Música

Inês - (boa)- O que é que a senhora deseja?

Carmem - (má)- Não se preocupe. Eu queria apenas conhecê-la, minha cara.

Inês - (boa)- Conhecer-me senhora?

Carmem - (má)- Sim, conhecê-la. (víbora)- Eu queria conhecer essa criatura infeliz, que cometeu a tolice de se casar com João Brasílio.

(tensão)

Inês - (boa)- Criatura infeliz? A senhora disse criatura infeliz, senhora?

Carmem - (má)- Sim, eu disse.

Inês - Por quê? Senhora...

Carmem - Por quê? Você quer realmente saber por quê?

Inês - Sim.

Carmem - (má)- Pois então eu vou dizer-lhe. (pausa)- Porque eu amo João Brasílio.

(Tensão. Música. A luz se apaga aos poucos. Volta a luz)

Inês - Ha, ha, ha, ha, ha, ha...

Carmem - A senhora está rindo?

Inês - Ha, ha, ha, ha, ha, ha...

Carmem - A senhora não acredita em mim?

Inês - Ha, ha, ha, ha... Não. Eu não acredito em você. Você é uma mentirosa. (gritando)- Mentirosa. (berrando)- E saia daqui saia.

Carmem - Oh, não, não, não, por favor, deixe-me falar.

Inês - (urrando, má)- Saia.

Carmem - (boa)- Oh, deixe-me falar, senhora, eu preciso falar-lhe . Eu preciso contar-lhe que eu e João Brasílio nos amamos há muito tempo, já, esse amor é tudo pra mim.

Inês - (baixinho)- Saia, daqui

Carmem - (boa)- Esse amor é tudo para mim. Compreende, senhora . Eu lhe peço, por favor, compreende. A senhora é moça, bonita, tem tudo o que deseja. Mas eu... eu só tenho esse amor. Por ele eu dei tudo. Tudo.

Inês - (baixinho, mã)- Saia daqui.

Carmem - A senhora é boa, eu sei que é. A senhora vai me compreender. A senhora tem que me compreender...

Inês - (berrando, maquia válica)- Saia daqui.

(Música terrível. Luz sai aos poucos. Volta luz)

Inês - (desesperada)- Saia daqui.

Carmem - (amarga)- Esse amor é tudo pra mim, compreende? É, claro que você compreende. Você é moça, bonita, tem tudo o que deseja. Mas eu... Eu só tenho esse amor. E por ele eu estou disposta a tudo, tudo.

Inês - (desesperada)- Por favor, saia daqui.

Carmem - (mã)- Não sai. Não, você vai me compreender, eu sei que vai, você vai me compreender, porque se não eu...

Inês - (em pânico)- Não, por favor, vá embora, deixe-me em paz, vá embora.

João - (irrompendo)- O que é que está acontecendo aqui? (vendo-a) Carmem!!!

Inês - João Brasílio!!! (corre para ele)

(Carmem se afasta e fica de costa para os dois, desce do teto um revolver amarrado por um fio)

João - Inês, minha querida...

Inês - Oh, João Brasílio, foi horrível, horrível.

João - Por favor, Inês, acalme-se. Logo tudo estará bem. (larga-a) Carmem.

Carmem - (cínica)- Hum.

João - Carmem, o que é que você veio fazer aqui?

Carmem - Você não sabe?

João - Não, não sei

Carmem - Não adivinha?

João - Não, não adivinho.

Carmem - Pois então eu vou dizer-lhe.(víbora)- Eu vim aqui para... (volta-se para ele, apontando o revolver)- Matá-lo.

Inês - Oh!

João - Carmém.

Inês - Oh!

Carmem - Se você não pode ser meu, não será de mais ninguém.

Inês - João...(corre e abraça-se com João, dando as costas para Carmem)

Carmem - (num grito)- De mais ninguém... (atira)

Inês - Oh...

João - Oh...

(pausa)

Inês - (ofegante)- João.

João - (ofegante)- Inês. Perdoe-me.

Inês - (ofegante)- Não. Não fale.

João - (ofegante)- Perdoe-me, Inês, eu não quis lhe causar nenhum mal. (João cai morto)

Inês - (num grito)- João.

Música.

OITAVO ENTREQUADRO

(Finge-se que Inês chora a morte do marido. As mulheres sobem, tristíssimas. Duas pessoas erguem João Brasílio e o levam, todos atrás. Entram as Festeiras)

Festeiras - Pronto aqui estamos nós
Olha, Inês não se preocupe
Deixa que a gente se ocupe
De dar e tirar os nós.

Nós mesmas vestimos o morto
Pomos certo o que está torto
Pois nós somos pr'isso mesmo:
A viuva lá chorando
E nós aqui trabalhando
(para a assistência)

Pois nós somos pr'isso mesmo
Não vi pensando a senhora
Que nós só 'stamos nas horas
Pra ajudar, nas de alegria
Não senhora, tal seria ...
Nós também vamo' ajudar
Nas horas qu'é de chorar

Então vamos, mãos à obra
Depois do morto lavado
O terno preto escovado
Já vestido, penteado
O relógio que s' espiche
Nós fazemos sanduíche
A toda hora café
Um bolo pra quem quiser
Até de manhã ficar.
Bom, bom, vamos trabalhar...

(saem)

Inês - (sozinha)

Não é que eu esteja contente

"Mas que coisa tão suave!

Desatado está o nó

E eu eu dele tenho dó

O dinho me arrebente"

(E termina o entrequadros)

SIM

(Vem Leonor Vaz D'Almeida visitar Inês e ela finge-se muito triste)

Leonor - E então, M'nina Inês, e então. Com' é que vai-se passando por aqui?

Inês - É, dona Leonor, vai-se vivendo, né? O que é que a gente vai fazer...

Leonor - É, filha...

Inês - Pois é...

Leonor - A vida não é brincadeira.

Inês - Se é...

Leonor - A vida é dura, filha, a vida é dura.

Inês - É. Mas o que é que a gente vai fazer, né?

Leonor - É, filha, não se vai fazer nada, pois. O homem põe, Deus dispõe.

Inês - Pois é...

Leonor - É, pois... (pausa)- Ora menina, ora menina.

Inês - Que é?

Leonor - Que é? Que é que tu não deves de botar agora essa cara pa la vida afora. Que tu ainda és muito moça, não te há de faltar bons pretendentes... Aliás, por falar em pretendentes, a gente se põe aqui na conversa, quase que m'esqueço aquilo por que vim. Ora, não vê você, m'nina Inês, que o Pedro chegou-se a mim num desses dias... Tu sabes quem é o Pedro, pois não sabes? aquele...

Inês - Mas já?!

Leonor - É, pois, e não era pra ser ainda?

Inês - Não sei, mas assim tão depressa... (para a assistência) - Que é que o pessoal aí vai pensar?

Leonor - Quem? Ai Jesus, pois não há de pensar nada. (para a assistência)- É bem v'rdade que as coisas não se vão acontecendo assim, num repente: havia que vir primeiro os sete dias de nôjo, depois a visita ao cemitério todos os domingos, depois um ano de luto fechado, depois mais metade d'ano pra a'aliviasse o luto... Mas ora, quem é aqui qu'está int'ressado nessa coisa? Essas coisas' são lá de se viver e não de se mostrar pra os outros,é ou

- não é v'rdade? Pois então, pois então. Vamos logo ao que int'ressa. Mas eu dizia aqui à m'nina Inês (para Inês) - que n'outro dia chegou-se a mim o Pedro e m'disse:"Ó, dona Leonor, que eu não m'casei ainda, e a Inesinha, viuva do finado João Brasílio, m'parece a mim rapariga de bons modos..." Enfim, pra qu' fique curta a conversa. Esse Pedro não é partido que se encontre todos os dias, não senhora. É um partidão... Então, que digo eu ao gajo?

Inês - ...não sei...

Leonor - Não sabe? !!!

(canta)

Pois s'espelho aqui comigo
Eu que não tenho marido
Nem sei quantos anos faz
E que já n'arranjo mais

Inês, viuva não fique
Se não quer ficar a pique
De ser por aí falada
Como desavergonhada

Mulher tem que ter um home'
Que lh'abrace e lhe dê nome
Sem home mulher é nada
E acaba desesperada...

Pois fala aqui quem não mente
A mulher deve de ter
Quem na cama lhe esquente
Lhe dê na mesa o de comer...

Fala assim quem tem saber
(para Inês)
E então?

Inês - Eu não sei...

Leonor - Ai Jesus, se no fim des'as coisas todas tu não sabes, quem é qu'vai saber?(para a assistência)- Mas, pelo sim e pelo não, mando cá entrar o gajo. (e vai buscar Pedro)

Inês - (canta)- Sei que vocês estão pensando
Qu'eu não devia aceitar
Qu'eu devia de esperar
Não ir logo me passando

Mas quem fizer a bobagem
De assim me criticar
Se pro próprio rabo olhar
Vamos ver se tem coragem

Já tive quem eu queria
Mas não tive o que se quer
Eu já levei a pior
Já vivi só d'alegria

Agora- guarda de cor-
Como, aqui, qualquer mulher
Vou viver como queria:
Ter bom e do melhor

A lição aqui foi breve
Pra qualquer um melhor serve
Um asno que lhe carregue
Que cavalo que derrube

(Vem Pedro, de terno branco de linho e chapéu)

Pedro - Salta quinze na França.
Inês - Com'é?
Pedro - Não, sabe como é? É que eu sou o Pedro, tu se lembra de mim? Que até eu tava na linha Brasilândia-Lapa e agora ' vou só de padaria, manja...
Inês - Eu sou a Inês, viúva do João Brasílio.
Pedro - É, que até eu te enformei desde que tu enviuvou e tou te assando faz tempo. Daí então eu disse pro Toninho- Antonio, o meu irmão- eu disse assim pra ele: olha Toninho , tu vai sovando as minhas dez que eu vou aí passar umas ' farinhas com a Inês, que amanhã eu sovo as tuas dez...
Inês - Dez?
Pedro - É, as dez padarias que o pai me deu.
Inês - Dez!

Pedro - Não, que tu se alembra até que eu tava aí na linha Brasilândia- Lapa, né? Daí que eu não sei o que deu no pai que ele foi comprando padaria, né? E toca comprar padaria, e toca comprar padaria, que o que eu sei dizer é que dá dez pra cada um. Que até eu disse lá pro pessoal da linha: Olha, não tá dando mais, que agora a gente se mudou pr'uma casa que o pai comprou lá no Morumbi, e sabe como é, fica meio contra mão. Que até foi naquele dia que quando eu saí da garagem eu passei na cidade e comprei uns radinhos umas vitrolas, uns troços aí diferentes, sabe como é?Não, é que a gente tem que se prevenir, que quando a gente menos espera o rádio bumba, pifa na metade do jogo, que me dá uma raiva, menina...

Inês - Ah, isso é...

Pedro - Pois é, daí então foi que a mãe disse: "Não que tu já tá mais que na idade, que os teus irmãos já tá tudo enformado e só tu que ainda está na massa..."

Inês - Ah, isso é...

Pedro - Foi aí então que eu disse lá pra velha, não,que agora sim sabe como é? Que o João Brasílio foi pra cidade dos pés ' juntos, sabe como é?

Inês - Ah, isso é...

Pedro - Pois então?

Inês - Pois é.

Pedro - E tu, o que é que acha?

Inês - Eu?

Pedro - É.

Inês - Ah, eu... acho que sim, né?

(E vem as Festeiras com suas tijelas)

Festeiras- Aqui 'estamos outra vez
Pelo jeito já vai ter
Mais trabalho pra nós três
Isso tá fácil de ver

Inês - Ah, mas não precisa se incomodar.

Pedro - Isso mesmo, pessoal, isso mesmo: mete se cara aí. A festa vai ser daquelas, tá me entendendo? Vai ser dessas de garçom e outros bichos, sabe como é? E pra música, nada '

- de vitrola não, vai só de orquestra com cantor mesmo sabe como é? Esse tal de John, né?

Inês - John Brás!!!

Pedro - E como é que não? É, meu camarada, John Brás, John Brás mesmo, ora essa é muito boa. Mete as caras, pessoal... (sai)

Festeiras - Pois qui não se preocupe
Doutra coisa se ocupe
Já não falta quase nada
A noiva já tá arrumada?

Pois o noivo que se arrume
E deixe conosco a festa
Bolos, doces, salgadinhos
A nossa paixão é esta.

(Vem todos e arrumam Inês como uma senhora, com casaco de peles e tudo, e sentam-se na platéia. Isso durante o canto das Festeiras). Vem Luzia, com uma pilha de revistas)

Luzia - Inês, Inês, Inês, tu já sabe da novidades? Onde é que ela está?(os outros apontam-na na platéia)- Ah, olha' eu passei ali na banca de jornal do seu Gastão e olha o que eu comprei.

Inês -- (da platéia)- Mas o que é isso?

Luzia - É a foto novela, menina, e tudo com o John Brás...

Inês - Mas tudo isso?

Luzia - Então, menina, tem John Brás de tudo quanto é jeito: é John Brás de mocinho no faroeste, é John Brás lutando espada, é Jhon Brás de romano, é John Brás de cangaceiro, é John Brás por tudo quanto é lado.

Inês - Puxa!

Luzia - Pois é, menina, se tu quiser ler também, acho bom tu ir lá logo na banca do seu Gastão, porque acho que já tá esgotando... (sai)

Inês - Pedrooooooo.

Pedro - (vindo dos bastidores)- Hem?

Inês - Não, sabe o que é? É que eu não queria perder as fotonovelas do John Brás.

Pedro - Ah, sei. Tu fica aí assistindo a peça que eu já volto .
(sai)

Inês - (canta no meio da assistência)-
Agora, guarde de cor
Como aqui, qualquer mulher
Vou viver como quiser
Ter do bom e do melhor

A lição aqui foi breve
Pra qualquer , melhor serve
Um asno que lhe carregue
Que cavalo que derrube

E pra quem acha que isto
Só acontece no teatro
Vou dizer que a verdade
De tudo isto é um retrato.

(Entra Pedro com um carrinho de mão cheio de revistas, e as derruba aos pés de Inês na platéia)

Pedro - Agora tu fica aí, vê se não lê muito que é pra não cansar as vistas, viu? Que agora eu tenho que ir me mandando que daqui a pouco é hora das fornadas lá nas padarias sabe como é? (sai pelo fundo).

ÚLTIMO INTERQUADROS

(Inês fica lendo. Vem John Dhrazz e canta a música da Abertura. Nos intervalos, as Mulheres falam de todos os lados do teatro)

Mulher - (fora)

Luizinha, ó Luizinha
Vem cá 'scolher o feijão
Qu'é pra tu ir aprendendo
Enquanto me dá uma mão

Mulher - (longe)

Nona, tu varreu a casa?
Já pregou lá na camisa
Do tou pai o tal botão?
Desse jeito não vai não...

Mulher - (muito longe)

Elisa, tu vai querer
É ficar o dia todo
Pindurada no portão?
Não tem mais o que fazer?

Mulher - (muitissimo longe)

Tu pensa que homem gosta
De mulher assim exposta?
Gosta só pra se esbaldar
Mas na hora de casar
Eles vão é procurar
Aquelas que fica em casa
Aprendendo a trabalhar
É com essas que eles casa'...

(No fim da música Inês sobe ao palco. John Bhrazz aproxima-se dela. As cenas seguintes são fazendo pose. Os Outros trazendo os balões onde estão escritas as falas, como se fosse uma fotonovela)

John - (fala escrita no balão)- Inês!!!!

(Inês se volta. Outro balão é trazido e colocado sobre ela)

Inês - (fala escrita no balão)- Oh!!!!!!

(Eles se movimentam e param quando os balões ficam sobre eles)

John - (fala escrita no balão)- Seu marido está?

Inês - (idem)- Está aí pelas padarias.

John - (idem)- Finalmente te encontrei.

Inês - (idem)- John, John, esperei muito por este momento...

John - (idem)- Então... Diga, diga que você me ama...

Inês - (idem)- Eu sempre te amei.

John - (idem)- Oh!!!!!!!

(Beijam-se .O último balão é um quadrado onde está escrito fim)

(Vem todos e cantam)

Se você gostou
Do nosso show
Volte amanhã outra vez
Se você gostou
Do nosso show
Venha ver mais uma vez

E também traga um amigo
Diga: "Vamos ver comigo
Vamos ver que o show é bom..."

Se você gostou
Do nosso show
Volte amanhã outra vez
Pois se você notou
O nosso show
Foi feito pra agradar o freguês

E se você for esperto
Amanhã sente mais perto
Qu'é pra você ver melhor

Pois
Se você notou
O nosso show
É feito para vocês
É feito para vocês
É feito para vocês
Vocês
Vocês

(E ASSIM VÃO E TERMINA A DITA COMÉDIA QUASE OPERETA)